



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7162 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

ERRO 406: AS IMPOSSÍVEIS EXPECTATIVAS DOS/NOS ESPAÇOS/TEMPOS ESCOLA
 Matheus Saldanha do Amaral Reis - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Débora de Ataíde Ferreira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ERRO 406: AS IMPOSSÍVEIS EXPECTATIVAS DOS/NOS ESPAÇOS/TEMPOS ESCOLA

Com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que naturalmente desperta no mundo especulações e reflexões acerca do complicado momento político, econômico e social que enfrentamos em um presente ameaçado, lidamos com um governo que fala sobre um futuro “democrático” e mais justo, mas se coloca, na verdade, contra as lutas por diferença e contra os (poucos) direitos conquistados. As ondas conservadoras se aproveitam para implementação e reafirmação de projetos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Projeto Escola sem Partido, e de novas reformas políticas. Reformas estas que assustam e dialogam com a ideia de “novo” e em mais uma oportunidade, encurrala as práticas docentes dentro do espaço escolar. A intenção de impor novas normas e um intenso controle sobre os currículos e a produção de saberes e conhecimentos estampam um projeto político fortemente ligado com o mercado que dificilmente irá mudar suas orientações e investidas com o “novo normal”. Muito pelo contrário, com a ausência das estruturas sociais nitidamente expostas e uma economia enfraquecida, o campo da educação, especialmente da educação pública, se torna um espaço ideal para ser explorado por um capitalismo parasitário (BAUMAN, 2010), criando diversas normas e artifícios de controle.

Construindo as pontes entre os reinos da teoria e da prática (DAIGNAULT, 1992 apud PINAR, 2008, p.150) a teorização curricular nos auxiliou durante as nossas *travessias* nos *espaçostempos* de formação (LONTRA, 2016) a entender a escola como um lugar muito mais complexo do que a academia, os manuais e os currículos de controle podem lidar. “O currículo convida os professores e alunos a ter conversas complicadas vividas como e através do projeto multifacetado e multiperspectivado de entendimento” (MILLER, 2014, p.2045). Entendendo, admitindo e valorizando o descontrole buscamos, acima de tudo, por caminhos que demonstrem a importância das mais diferentes perspectivas e narrativas dentro do nosso cotidiano, inventando coletivamente formas de viver na diferença.

Pensando o *fazer com* (CERTEAU, 1994) o cotidiano das escolas, acabamos experimentando e aprendendo como o currículo é negociado até mesmo quando essa negociação aparentemente é silenciada. Buscamos então, criar espaços confortáveis o suficiente para que pareça ser possível outras narrativas, histórias e conhecimentos habitarem os currículos. Queremos *despotencializar* as máquinas barulhentas (CERTEAU, 1994) que

nos capturam e nos imobilizam dentro de uma realidade inventada, virtual, que não é a nossa, uma realidade na qual as diferenças são facilmente controláveis e simuladas.

As consequências da pandemia no campo do currículo e da docência ainda são incertas e até mesmo enigmáticas, mas desde já precisamos mostrar nossa preocupação com o fenômeno da “valorização docente”. Uma valorização que no retrato da pandemia não se relaciona com as diferenças e com as possibilidades infinitas de produção de saberes no chão das escolas, mas sim, com as engessadas demandas conteudistas. Em mais uma oportunidade, se apaga toda a complexidade do trabalho dos professores, exigindo de nós uma transmissão simplificada de conteúdos obrigatórios que não podem ser perdidos. Inclusive, essa noção de “perda” é levantada por pais, responsáveis e governo, não como uma forma de exaltar o papel da escola e dos professores na nossa sociedade, mas sim, como mais um artifício de controle, de ter um conteúdo obrigatório em um tempo congelado e suspenso que não pode ser perdido ou substituído. O mercado agradece, pois o docente é, em mais uma oportunidade, o culpado pelo fracasso.

Temos testemunhado que nós, professores, estamos perdendo ainda mais espaço e que a nossa importância segue sendo apagada, instituições públicas de ensino estão sendo destroçadas convergindo para o sucateamento das escolas públicas e do trabalho docente sob a égide da defesa da qualidade educacional, cujas intencionalidades têm provocado epistemicídios (SANTOS; MENESES, 2009, p.183), isso faz com que nos entreguemos a uma virtualidade de novos *comuns*, fingindo aceitar as “novas” rupturas e normas políticas/econômicas/sociais, que sabemos que não fazem sentido e não dão conta de explicar todos esses problemas que nós vivemos e já entendemos que vamos continuar sendo obrigados a conviver. Por isso, trabalhamos dentro do tempo presente, onde o dissenso não é um problema a ser resolvido e sim um instrumento para criação das nossas práticas cotidianas e parte constituinte dos inéditos acontecimentos do cotidiano (SÜSSEKIND, 2012).

O conceito de diferença de Derrida (2014), sua contínua desconstrução e a elaboração da ideia de *différance*, vem nos mostrando que a impossibilidade de definição do conceito não é um simples problema a ser superado ou ignorado, mas sim, a própria manifestação da diferença em si, ontológica, com sua ausência de centralidade e sentido, ou seja, é preciso trabalhar com as diferenças além das identidades já marcadas, nomeadas e classificadas. Entendendo essa impossibilidade de enquadramentos (BUTLER, 2018, p.198) percebe-se a falácia dos projetos políticos ligados a mercados que fazem suas projeções de negócios guiando e controlando o presente, assim como o futuro da nossa sociedade. Mais do que simplesmente entender e expor os problemas e fantasias desse “novo normal” e da continuidade de projetos políticos que carregam suas violentas imposições e apagamentos em nossos cotidianos, queremos mostrar suas impossibilidades, assim como os perigos para as nossas pretensões democráticas no cenário atual.

As diferenças ficam de fora nesse mundo virtual, de projeções milagrosas de futuro que delimitam *espaçostempos* perfeitos para análises teóricas do campo curricular. Precisamos desnaturalizar esses simulacros e laboratórios de democracia que funcionam na base da exclusão das práticas e dos conhecimentos que incomodam, que são errados e não são bonitos de serem mostrados. É preciso que a observação dos *espaçostempos* escolares superem as demandas externas de forma que a escola fale por si sem precisar ser validada a partir de outros *espaçostempos*, sem cortes e remontagens a partir do uso que academicamente lhe valide. É preciso que a escola possa existir e se mostrar com suas diferenças e *différence*, aceitando que não há *espaçotempo* comum que não seja imposição de realidades virtuais criadas a partir do mais forte.

Palavras-chave: Currículo; Diferença; Novo Normal.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2010.
- BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**. Notas Sobre Uma Teoria Performativa de Assembleia. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- LONTRA, V. **Travessias de (des)formação: Encantos, descobertas, invenções e(m) encontros com o outro**. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2016.
- MILLER, J. **Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem**. Revista e-Curriculum, v. 12, n. 3, p. 2043–2063, out./dez. 2014. Disponível em: . Acesso em: 24 abr. 2020
- PINAR, W. A equivocada educação do público nos Estados Unidos, In: GARCIA, R. L. e MOREIRA, A. F. B. (orgs). **Currículo na Contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, B. S; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.
- SÜSSEKIND, M. L. **O ineditismo dos estudos *nosdoscom os cotidianos*: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil**. Revista e-curriculum (PUCSP), v. 8, p. 1-21, 2012.